

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Sta Catarina

Class.: 657.012.11

Data: 23.12.81

Pg.: _____



Quase nada resta da tradição guarani : falta, aos seus remanescentes, identidade cultural e social, e ainda perspectivas de mudança e condições econômicas.

Guaranis: sem identidade cultural, sem horizontes

Acocorado numa pedra de encosta de morro, próximo ao Morro dos Cavalos, na BR-101, Geraldo, de nove anos de idade, fica olhando os carros que cruzam a pista. Sua atitude não revela a tradição cultural de seus antepassados, índios gua-

ranis. Com o menino, mais 15 pessoas — sete homens, três mulheres e cinco crianças — dividem uma choupana de 15 metros quadrados, feita de folhas de carandá. Vivem sem as mínimas condições, sem identidade cultural e social, sem futuro. (Página 16).

Guaranis passam o tempo vendo os carros na BR

Ancorado numa pedra de encosta de morro, na BR-101, proximidades do Morro dos Cavalos, olhando os veículos cruzarem a pista lá em baixo, os nove anos de Geraldo guardam quase nada da tradição cultural de seus antepassados guaranis. Ao ser interrompido em seu olhar perdido, comentou baixinho: "Eu gosto de ficar olhando os carros". Logo após, virou o rosto e continuou na sua idílica e mais importante atividade diária.

Junto com Geraldo, numa choupana feita de folhas de carandá de mais ou menos 15 metros quadrados, moram mais quinze pessoas, sete homens, três mulheres e cinco crianças, quase todos naturais da própria região. Eles estão vivendo sem o mínimo de condições necessárias para a sobrevivência de qualquer ser humano: sem identidade cultura e social, sem condições econômicas para enfrentar as exigências do meio e sem a mínima perspectiva de uma mudança significativa, são apenas mais um dos grupos marginais que estão espalhados pelo país. E como, por enquanto, pensam que nada podem fazer, resta apenas ficar olhando os carros passarem na BR-101: "É a minha televisão", comentou Nadir Moreira, uma das mulheres adultas do grupo.

Donos absolutos das terras do Rio Grande do Sul, os guaranis foram sendo expulsos aos poucos, pressionados por uma ideologia progressista com objetivos de poder. Assim como os portugueses fizeram com toda população indígena do litoral brasileiro, foi feito, também, a colonização agrária do Rio Grande por culturas que vieram para estabelecer uma nova ordem, mesmo que fosse necessária a força.

Grupos como a família Moreira da BR-101 são apenas representantes da morte da rica cultura indígena brasileira. Hoje, os 16 descendentes indígenas que vivem no Morro dos Cavalos conservam dos guaranis apenas os traços anatômicos. Eles estão completamente desinformados a respeito de tudo em relação à cultura Guarani. "Eu moro aqui há dezenove anos, eu não sei direito onde eles moravam, só sei que era no Rio Grande".

Os Moreira não sabem mais nenhuma palavra da língua guarani, não conhecem nada dos rituais de seus antepassados, "a gente vai na capela ali embaixo, eu gosto de

rezar". O cotidiano deles, hoje é plantar, trabalhar com a casca de imbé do mato para fazer artesanato, o pouco que ainda resta como informação de seus antigos, e ficar olhando as pessoas passarem ao longo da estrada. Questionada a res-

"A gente não sai de casa, então tem que sentar aqui e ficar olhando"

peito do barulho dos carros serem um incômodo Nadir ri, como quase de todas as outras coisas, e comenta: "Prá mim é divertimento, é a minha televisão. A gente não sai de casa, então tem que sentar aqui e ficar olhando".

A agricultura que eles cultivam hoje também não tem mais referências de tradição. É um cultivo de sobrevivência, que se ainda guarda alguma característica indígena, é apenas por coincidência; pois, eles nada sabem informar sobre como se dava a organização e produção de seus antepassados, apesar disso ainda mantém um sistema de divisão de trabalho e produção bem característico de todas as culturas indígenas.

Porém, a constatação mais profunda é de que a família Moreira não é apenas um grupo indígena descaracterizado culturalmente, não é apenas um grupo aculturado. Eles estão impregnados de toda a cosmovisão do "homem branco", e, o que é pior, em detrimento da sua. Estão num processo onde foram compulsoriamente deslocados de sua cultura natural para uma cultura alienígena, como exigência do novo meio geográfico e social. Porém, este meio não lhes dá condições de participação efetiva. Técnico, especialista e individualista, a nova "tribo" dos Moreira os deixa, literalmente falando, na beira da estrada, sem serem mais indígenas. E, agora, completamente desconfiados de qualquer referência, eles estão ali à espera de não sabem bem o que, inconscientes da importância de sua cultura primitiva, eles estão na beira da BR como se nada destas coisas importasse e, na realidade, já não importam mesmo.

Em parcos 15 metros quadrados os 16 moradores da choupana da BR-101 procuram distribuir seus poucos pertencentes de maneira a fazer a melhor utilização possível do espaço. Os problemas que en-

frentam devido à frágil habitação que possuem são vários. As folhas de carandá trespassadas deixam alguns espaços, principalmente nas partes laterais e como possuem pouquíssimos agasalhos, o frio é um grande inimigo a ser enfrentado. Esta afirmação pode causar surpresa para quem ficar imaginando que os indígenas andavam pelados, mas acontece que os índios tinham em sua cultura elementos sociais que lhes ensinavam a maneira de enfrentar a natureza. Como os Moreira estão afastados de sua identidade primitiva, sentem frio como qualquer pessoa. "E, para a gente enfrentar o frio, só mesmo quando alguém reconhece que a gente é pobre. Mas isso só acontece de vez em quando". Complementou, rindo: "Quando faz frio, a gente faz fogo".

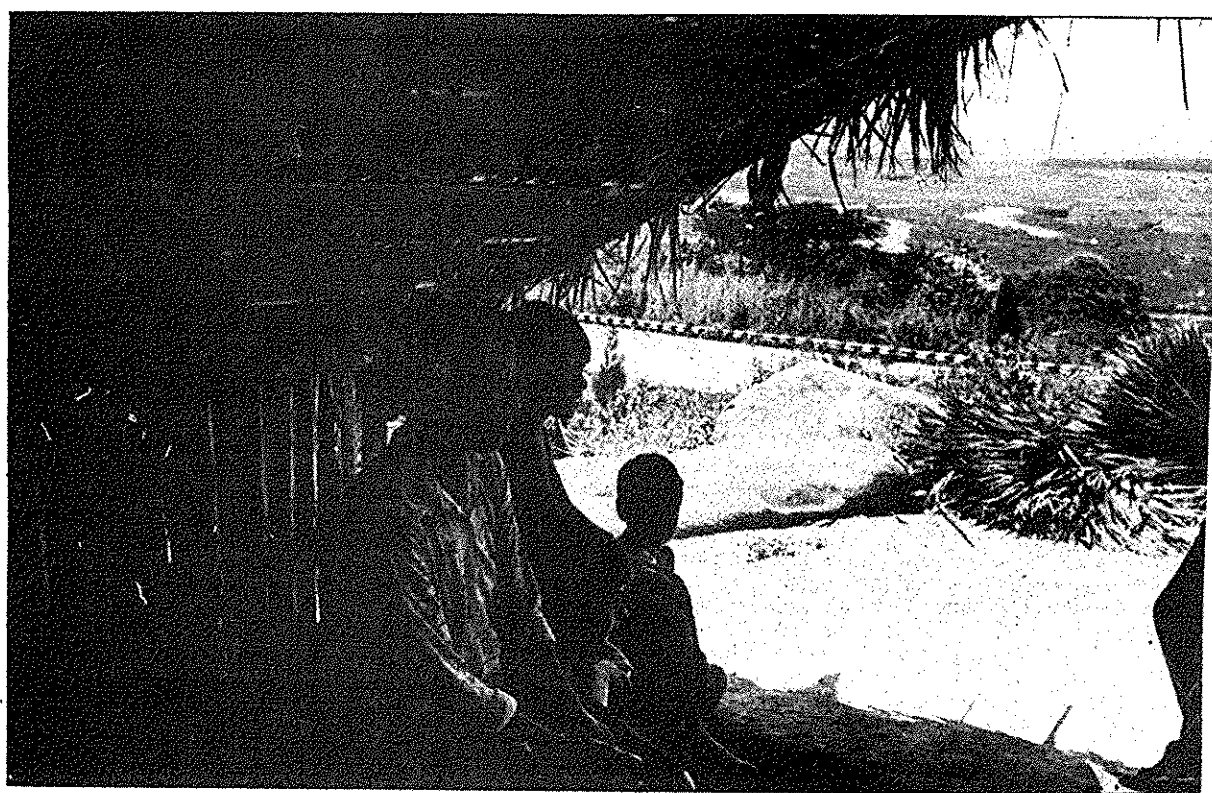
Quanto aos aspectos de água e saneamento poder-se-ia dizer que eles até são privilegiados, pois não enfrentam burocracias, preconceitos e nem taxas. "Tem uma cachoeira aqui perto, e mais lá em cima tem uma vertente, a água é limpinha". Sua alimentação é baseada basicamente nos produtos que plantam: aipim, batata, milho e feijão. "A gente precisava de alimento. Além disso, café, açúcar, farinha e chimarrão pros velhinhos que eles gostam muito".

Ainda ligado ao problema de alimentação, Lurdinha e Nadir reclamam que "a gente tem só duas panelas. Tem que cozinhar três vezes. Não temos fogão, é difícil. A gente queria pedir que alguém ajudasse a gente nisso. Não dá para cozinhar para tanta gente em duas panelas. Quem cozinha é eu e a Lurdinha, que é a mais velha, a gente não sabe bem que idade ela tem; nós moramos com o pai; ele tem 75 anos".

"Se um dos meninos ficar doente, a gente não tem recursos", argumentou Lurdinha. Este talvez

"Quando faz frio, a gente faz fogo"

seja um dos problemas mais sérios e onde reflete claramente a marginalização da família Moreira: "A gente vai para a cidade, mas chega lá, a gente não tem dinheiro, eles não querem internar porque a gente não tem papel". Nadir conta que Ivo,



Nadir: "Vendo televisão, tá tudo bem!"

seu filho mais velho, teve "uma pneumonia, e eu tive que curar ele com chá, porque não conseguimos hospital. A gente não tem saída mesmo", riram todos.

A meninada da BR está tendo algumas poucas oportunidades de superar esta primeira fase de marginalização: "Eles estudam numa escola lá embaixo". Ivo e Nilton, que estão no 3º ano, gostam da escola, também por causa da merenda". Já os adultos que não estudaram não sentem falta disto: "Nós vamos estudar pra que?". Uma boa pergunta feita por Nadir.

Talvez o maior problema que os Moreira enfrentam todos os dias é que, devido às suas condições sociais mais alguém do grupo vá embora, diminuindo mais ainda as poucas perspectivas da família. "Já tem quatro que foram embora, dois irmãos e duas irmãs que casaram. De vez em quando eles voltam por aqui, uma vez por ano". Nadir não declarou claramente, mas deixou transparecer sua tristeza quando falou das pessoas que tinham ido embora.

Lurdinha e Nadir já foram casadas, mas hoje estão sozinhas. "Não deu certo, ele não queria parar em casa", argumenta Lurdinha. Com Nadir, a situação foi diferente: "Meu marido morreu afogado, faz sete anos". As duas declaram que, agora, vão ficar assim, "a gente tem medo de casar de novo", disse Lurdinha. "Eu, vendo televisão, tá tudo bem", complementou Nadir.

O dia-a-dia da família Moreira, tanto para os homens quanto para as mulheres, é bastante regular. "A gente fica roçando quase todo dia, fora isso tem a casa pra arrumar e a comida pra fazer. Quase não saímos de casa".

O trabalho na roça e da casa é dividido entre todos. As crianças também ajudam a plantar feijão, aipim, batata e milho; e os problemas começam quando pensam em vender os produtos. "Consegue vender muito pouco, acaba ficando pro nosso gasto". Questionada a respeito de preços, Nadir declara que "a gente vende cinco aipims por quinhentos cruzeiros". É claro, que a este preço eles não conseguem vender mesmo. A desinformação do meio em que vivem é tal que eles exigem preços muito altos para tudo o que fazem. O mesmo acontece com os trabalhos de artesanato. "Aqueles balaies que tão lá na beira da estrada, já faz um mês. É muito difícil a gente conseguir vender algum".

Em relação à possibilidade de trabalhar na cidade, Lurdinha diz que "não dá certo. Eu fui, mas acabei voltando, a gente não sabe. Eu gostaria mesmo é de trabalhar fora,

"Na cidade não dá certo. Eu fui, mas acabei voltando"

mas não queria ir embora daqui". Esta opinião ainda é consenso entre todos, eles não querem perder o seu pedaço de terra. Até o momento não tiveram maiores incomodações com o aspecto legal das terras. "Teve uma época que apareceu uns ladrões e assassinos aqui, mas depois não vieram mais, agora ninguém incomoda".

A "televisão", os carros passando na BR-101, é praticamente a única atividade de lazer que os moradores da beira da Federal têm como opção. Nadir disse que "as mulheres não saem de casa nem para passear". Os mais privilegiados em termos de lazer são as crianças "que brincam de boneca, pelo mato e na cachoeira".

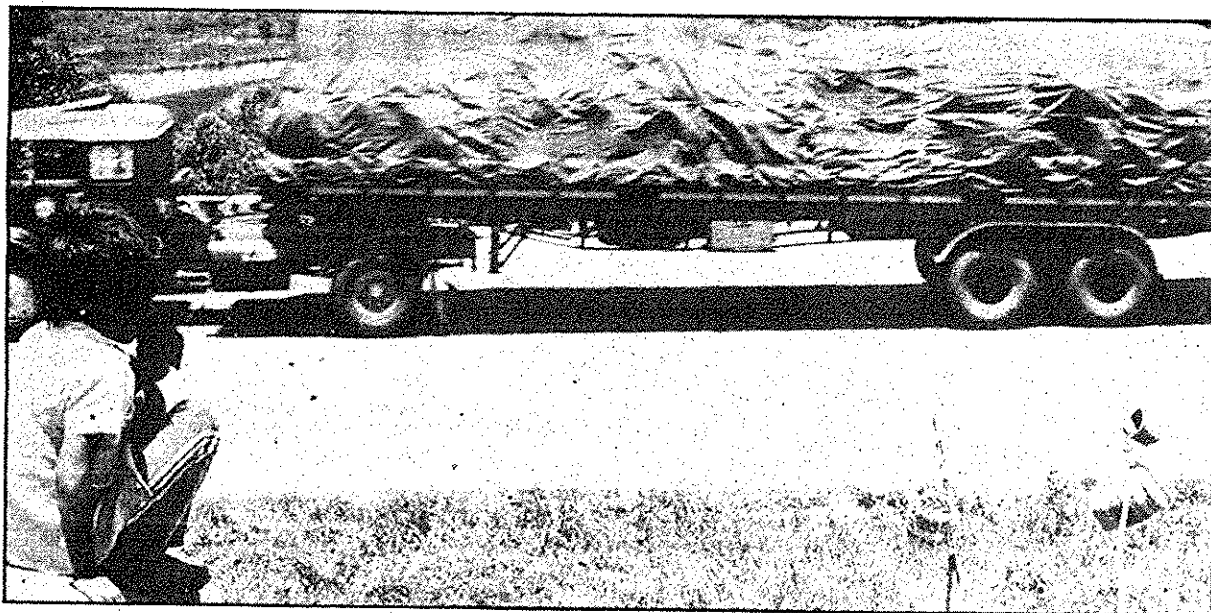
Eles não têm mais datas comemorativas que estejam ligadas a tradições indígenas. No entanto, uma data que eles conhecem bem é o 25 de dezembro, e a meninada ainda parece guardar como sonho a perspectiva de ganhar um presentinho do Papai Noel: "Eu queria tanto uma bicicleta", comenta Ivo.

"E eu também", complementa Nilton, que até então praticamente tinha se negado a falar.


A esperança de conseguir algumas coisas que consideram importantes não é apenas uma característica das crianças. Nadir e Lurdinha precisam de "tantas coisas como roupa, pratos, um fogão, umas panelas, forro de cama e alimento pra pover viver melhor. Apesar da esperança eles estão, também, bastante amargos com a situação que estão enfrentando. Vera Lúcia, uma irmã casada que mora em Porto Alegre, no meio da conversa comentou: "Quem promete não cumpre".

João Sabino, que até então estava dormindo, apareceu com um sorriso e um abraço amigo, com um beijo de respeito no rosto. João, tem 75 anos e chegou a morar no Rio Grande do Sul, mas não deu maiores informações, pois sua surdez já não permite uma comunicação perfeita. "Aqui tá bom, eu não sinto saudade do Rio Grande".

Um fato curioso de se observar é que nas imediações da choupana da família Moreira existem dois bordéis. Qualquer coincidência entre a localização da família e das casas de prostituição, pode ser no mínimo uma confirmação aos moldes surpreendentes do que já se sabe a respeito da prostituição feminina indígena ao longo de toda a Amazônia.



A única perspectiva: ficar olhando os carros na BR



QUARTA-FEIRA,
23 DE DEZEMBRO DE 1981

FLORIANÓPOLIS



O trabalho é dividido entre todos